



ASSIM SE INVENTAM OS INVENTORES

Em sua versão século XXI, as feiras de ciências extrapolam os muros da escola e se tornam vitrines de talentos para a inovação que competem em escala global

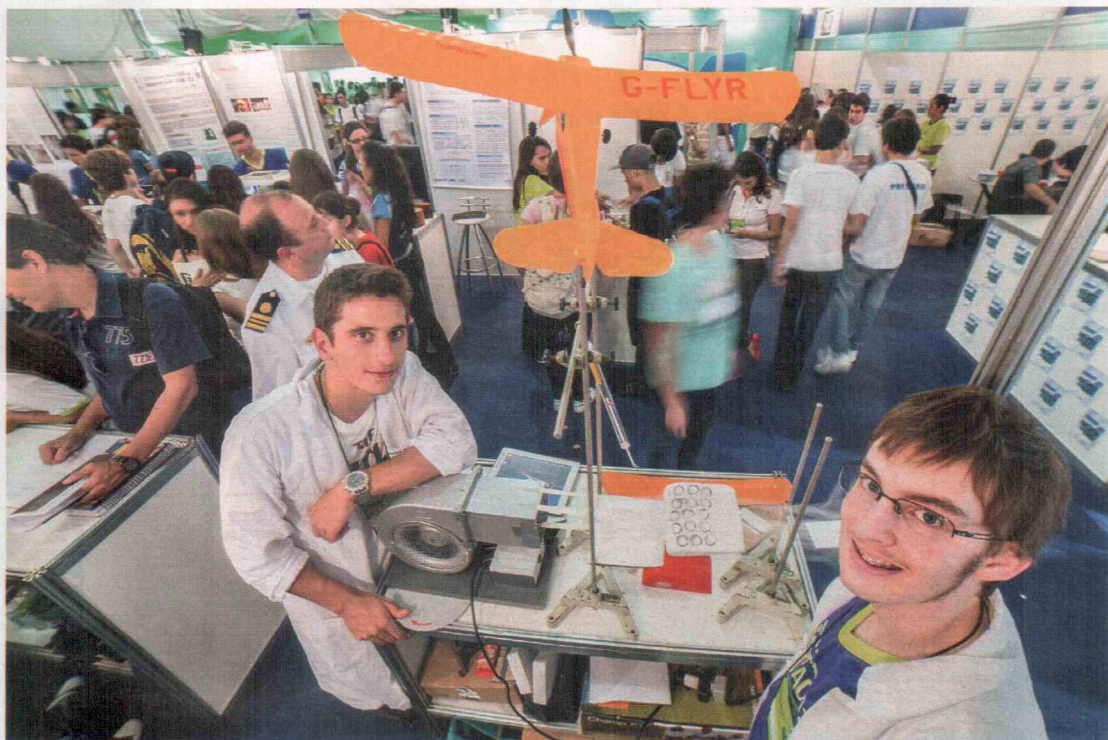
CÍNTIA THOMAZ

Esqueça o broto de feijão germinando em um tufo de algodão ou a réplica do sistema solar à base de isopor. O vocábulo mais empregado na versão moderna das feiras de ciências é “inovação”. Isso mesmo: espera-se do aluno que crie algo original juntando a matéria de sala de aula a altas doses de inventividade. Um exem-

plo? O protótipo de um trem que flutua sobre os trilhos reduzindo atrito e poupando energia, inspirado em modelos disseminados na China e exibido na foto acima por seu criador, o paulista Vitor Heinzle, 17 anos. Em países de forte produção científica, como Japão e Estados Unidos, esse tipo de feira ferve num imenso circuito de colégios, de onde os melhores projetos são alçados a competições nacionais e mundiais que atraem

dinheiro e atenção de gigantes da tecnologia e do meio acadêmico. São, afinal, vitrines de jovens talentos que gostam de ciência tanto quanto ou mais do que de seus videogames. No Brasil, essa modalidade começou a ser adotada em um conjunto ainda pequeno mas crescente de escolas que querem emplacar seus alunos nos torneios nacionais e, por que não?, brilhar no pódio global.

É razoável pensar que, figurando entre os últimos nos rankings do ensino de ciências, os brasileiros largariam atrás em disputas tão acirradas. Mas é uma turma obstinada e muito acima da média que vai passando de peneira em peneira, de prêmio em prêmio, até chegar ao picadeiro mundial. No mês passado, um grupo de 34 desses meninos e meninas embarcou para Los Angeles para competir com pesos-pesados de mais de setenta nacionalidades na maior de todas as feiras, organizada pela In-



FOTOS FERNANDO CAVALCANTI

VOO ALTO

Mateus Caruso e Paulo Fisch, com seu avião revestido de dimples (acima), e Vitor Heinzle, ao lado do trem que flutua: premiados

tel. Até conquistarem uma vaga no torneio, destacaram-se na escola e no circuito nacional. Foi a primeira viagem ao exterior da paulista Ângela Oliveira, 17 anos, a campeã na categoria “saúde” da última Febrace, feira anual conduzida pela USP. Sua atual obsessão? Com a ajuda de uma professora da escola, Ângela se debruça sobre uma técnica de purificação da pele suína com o objetivo de convertê-la numa espécie de pele artificial compatível com o corpo humano. “A ideia é ajudar na reconstrução da pele em casos de queimaduras e feridas de difícil cicatrização”, explica a jovem, que faz coro com seus colegas de caravana ao bater numa tecla só quando o assunto é o futuro: quer pesquisar, pesquisar e pesquisar.

Ao promoverem competições em escala planetária e fazerem das ciências mais diversão do que dever, essas feiras têm o mérito de cultivar o gosto por

uma matéria que espanta a maioria — especialmente no Brasil. Para aqueles cuja sobrevivência depende de mentes inventivas, o caminho parece acertado. “Nossa ideia é estimular uma atitude mais inovadora na escola, formando desde cedo pensadores de soluções para os complexos desafios que temos no horizonte”, diz Victor Neto, um dos organizadores de uma dessas grandes feiras, promovida pelo Google. A primeira leva de laureados sai agora, em 26 de junho. Que ninguém espere como prêmio um daqueles kits básicos de ciências; o afã inventivo dos competidores será recompensado com uma visita ao laboratório Cern (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear), onde está o maior acelerador de partículas do mundo, na Suíça. Os pavilhões tomados de objetos voadores e robôs em ação frenética também atraem as melhores universidades do mundo, que travam duelo pesado para levar às suas salas de aula os mais prodigiosos.

Os países mais bem-sucedidos na missão de talhar talentos para as ciências aplicam há décadas uma cartilha que, no Brasil, ainda é para poucos: lá, a aula é prática e baseada em projetos. “As escolas brasileiras ainda se fiam demais na teoria e deixam o aluno longe do la-

boratório, sem botar a mão na massa. Não tem como ser estimulante”, reforça o matemático Marcelo Viana, membro da Academia Brasileira de Ciências. O diagnóstico preocupa porque o país sabidamente precisa produzir mais e melhores cabeças, o único caminho possível para deixar a rabeira nos indicadores de inovação e avançar para valer no tabuleiro global. Não custa lembrar que o Brasil responde por não mais do que 0,1% da produção mundial de patentes.

A garotada das feiras pode ser decisiva para virar o jogo. É gente de talento precoce como Paulo Fisch e Mateus Caruso, que aos 16 anos são mentores de um projeto que chamou atenção pela ousadia: eles revestiram as asas de um avião em miniatura de *dimples*, material com pequenas cavidades que reveste as bolas de golfe. A hipótese é que tal textura reduz o atrito com o ar, permitindo decolagens mais rápidas e menor dispêndio de combustível. A dupla nem pisou na universidade (de engenharia, claro), mas causou tão boa impressão entre os jurados da feira de ciências da USP que saiu de lá com a sugestão de fazer do experimento, recém-patenteado no Brasil, objeto de uma futura tese de doutorado. Está aí uma turma que vai longe. ■